

A IMAGEM NO ROMANCE *OS CUS DE JUDAS*, DE LOBO ANTUNES

ROMMEL, Leonardo von Pfeil; SPAREMBERGER, Alfeu

Universidade Federal de Pelotas – lvpfeil@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas – berger9889@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o aspecto da criação, utilização e representação da imagem e seus simbolismos no romance *Os Cus de Judas* (1979), de Antônio Lobo Antunes. A técnica da utilização de imagens contribui para o processo de expressão dos sentidos e efeitos visuais caracterizadores de espaços e também dos sentimentos das personagens da obra.

A questão da imagem é um tema de estudo abordado tanto na literatura como na área da psicologia. Nesta última, a imagem é caracterizada como uma reprodução mental, um processo de recordação de experiências sensoriais ou percepções diversas, não necessariamente ligadas somente ao aspecto da experiência visual.

Os estudos literários conceituam a imagem como o efeito capaz de realizar o processo de transposição de um sentido para outro, transformando, por exemplo, cor em som. O emprego de determinada imagem de cor pode ainda carregar um significado de simbolismo, encontrado dentro da constituição da obra literária, concebendo significados variados, dependendo do contexto e da forma da sua utilização.

Os símbolos, na literatura, são utilizados no sentido de referências claras e únicas entre dois objetos, cuja relação estabeleça-se de forma intrínseca e inseparável, unindo os diferentes significados e realizando um processo de transposição mental de imagens para conceitos ilustrativos e sensoriais.

A imagem pode ainda desempenhar um papel descritivo, sendo utilizada como metáfora, concebendo significados e caracterizações a estados emocionais e sentimentos de personagens, representando ambientes físicos através de símbolos e comparações com outros elementos, desempenhando, assim, um papel não unicamente visual, mas também totalmente psicológico, abrangendo as demais experiências sensoriais do leitor.

Cabe assinalar que “o elemento compartilhado por todos esses usos correntes é provavelmente o de alguma coisa a fazer o papel de – a representar – outra coisa diferente” (WELLEK, WARREN, p. 233). Ainda segundo os mesmos autores, no domínio da teoria literária, “parece desejável que a palavra seja usada neste sentido: como um objecto que se refere a outro objecto, mas que merece também atenção por direito próprio, pela maneira por que se apresenta” (IDEM, p. 233).

Encontramos, no romance em estudo, um uso expressivo de elementos imagéticos que desempenham um papel metafórico, com uma vasta descrição de ambientes físicos e uma caracterização do estado psicológico e sentimentos do protagonista e personagens por meio do processo de comparações.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do processo de análise do romance *Os Cus de Judas* (1979), utilizou-se o método qualitativo, em que, após a leitura, buscou-se focar a atenção para a análise e estudo dos meios pelo qual ocorre o processo de criação, utilização e

representação da imagem por parte do autor. No presente romance, os elementos literários ligados ao aspecto da imagem e aos simbolismos são utilizados em diversos momentos, no intuito de fornecer maior descrição à narrativa, explorando de diversas maneiras a experiência sensorial e psicológica dos seus leitores.

O aspecto da utilização da imagem como uma característica amplamente presente e constituinte do estilo literário de António Lobo Antunes é abordado por Álvaro Cardoso Gomes, que analisa a produção de diversos escritores portugueses contemporâneos. Quanto à obra de Lobo Antunes, assim discorre o professor da Universidade de São Paulo:

Colabora para o estilo nervoso do autor o jogo das livres associações, conseguido com o somatório de imagens díspares, conjugadas graças à embriaguez expressionista do narrador. Abusando propositadamente da metáfora, do símile, das comparações, o autor diminui a distância entre o “eu” do discurso e o mundo circundante, criando um mundo de pesadelos, um mundo de representações, um mundo de espelhos, em que narcisos degradados fazem do real uma extensão de si próprios. (...) o texto de Lobo Antunes, mesmo quando emergente de uma só voz (como em **Os Cus de Judas**), resulta da fusão de múltiplos textos, porque o autor faz de sua consciência espécie de filtro, para onde convergem os estilhaços de um mundo que perdeu de vez a unidade. (GOMES, 1993, p.55).

Esse somatório de imagens díspares, e o abuso proposital de metáforas e comparações, compõe a estrutura do romance e agregam à narrativa uma intensa troca comunicacional com o leitor, onde os sentidos são transpostos a partir da utilização de diferentes imagens, que trabalham com a experiência sensorial, conduzindo ao processo da reflexão.

O campo de investigação escolhido opera em uma área de enormes dificuldades semânticas, que exige “uma atenção constante e vigilante sobre o modo por que estes termos [imagem, metáfora, símbolo, mito] são usados em seus contextos e, especialmente, sobre as suas oposições extremas” (WELLEK, WARREN, p.230).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A representação imagética agrega à narrativa toda uma variedade de elementos que fazem uso da exploração sensorial, povoando a narrativa de representações que remetem aos sentidos visuais, a experiência dos sons e cheiros, criando um efeito de sinestesia, transmitindo significados capazes de abarcar o pitoresco, o sonho e a nostalgia, elementos extremamente presentes e significativos na obra de Lobo Antunes.

A descrição do ambiente africano e sua natureza, as recordações da infância e as visitas ao Jardim Zoológico, a extrema agonia e melancolia existencial enfrentada pelo protagonista ao retornar à Lisboa após a dura experiência da guerra colonial em Angola são traduzidas e expressas por meio de metáforas imagéticas que traduzem uma imensa variedade de sentimentos e emoções transmitidos ao leitor.

No início da narrativa, o narrador relembra momentos que constituíram sua infância, narrando as suas impressões sobre o Jardim Zoológico, lugar que o mesmo visitava aos finais de semana e que ficava próximo a sua residência. Nesta parte do texto, são utilizadas diversas imagens que caracterizam os animais e transmitem uma intensa carga de sentidos.

Segundo Maria Alzira Seixo, neste início da narrativa, onde a infância do protagonista é rememorada, surgem várias formas ligadas a representação da africanidade. Nessa contemplação dos animais e sua forma grandiosa e diferenciada, ocorre uma espécie de contraste entre o ambiente europeu em que o menino crescia e constituía-se em toda a forma atraente e imponente dos animais exóticos:

Impossível não ver neste início uma emergência, nesse “universo de crochê” que o narrador confessará a seguir ter sido o da sua formação familiar, de várias formas de africanidade, no seu pitoresco europeu de aprisionamento, diversão e transferência, além de que se passa simbolicamente da individuação majéstica da girafa, de olhar planado sobranceiramente sobre tudo o mais, para aniquilamento dos bichos mais domésticos, através da menção do cemitério dos cães, onde o sofrimento perante a morte já se insinua e manifesta. (SEIXO, p.44)

As imagens dos animais, os sons e cheiros do Jardim Zoológico invadiam e povoavam os sentidos do protagonista, que a partir das visitas aos domingos e mesmo de sua casa, observava atentamente e com certa curiosidade toda a influência e contraste causado pela existência desse local extremamente destoante do universo europeu das grandes cidades.

O protagonista, através do uso de imagens com sentido de metáforas, realiza um trabalho de aproximação das formas características e das peculiaridades próprias aos animais com a rotina pertencente ao mundo cotidiano de seu convívio, conferindo uma ligação entre os dois universos, atribuindo características de animais para as pessoas e objetos através de um intenso jogo de criação de imagens. “As manhãs povoavam-se de tucanos e de íbis servidos com as carcaças do pequeno-almoço que abandonavam nos dedos a farinha ou o pó dos móveis por limpar. A mancha do sol da tarde trotava no soalho na cadência furtiva das hienas, revelando e escondendo os desenhos sucessivos do tapete, o relevo lascado do rodapé, o retrato de um tio bombeiro na parede, iluminado de bigodes (...)” (ANTUNES, p.10).

No romance é bastante marcante a presença do simbolismo dos espelhos. O protagonista, por meio de sua imagem refletida, defronta-se com sua existência fragmentada pela dura experiência da guerra colonial. Sua própria imagem causa-lhe extrema melancolia, pois ela torna-se reveladora e devolve-lhe a realidade de sua existência.

A imagem, o seu reflexo que emana do espelho, age sob um aspecto revelador e pragmático, desvendando para o protagonista a clareza dos fatos presentes e aumentando sua inquietude psicológica. Quanto à presença e ao simbolismo transmitido pelos espelhos, Maria Alzira Seixo comenta que: “Entre todos os motivos literários deste texto, um dos mais fortes é o dos espelhos, porque caracteriza o narrador na presença irrecusável de si a si próprio dando conta das descoincidências entre volição e pragmática, entre desejo e remissão à incompletude.” (SEIXO, p.62).

Ao observar sua própria imagem refletida no espelho, o protagonista depara-se com o seu passado, tecendo um paralelo entre as experiências dramáticas que vivenciou e o seu momento de vida atual, em que a decrepitude física causada pela idade causa-lhe uma avaliação indiferente e repleta de melancolia e onde seu estado psicológico dissolve-se em um intenso emaranhado de constatações solitárias.

[Como] se sentar-me aqui, noite após noite, diante do espelho, a observar no vidro os vincos amarelos das olheiras e as rugas que em torno da boca se multiplicam numa fina teia misteriosa, idêntica à que cobre de leve os quadros de Leonardo, me assegura-se que ao fim de tantos anos de deixar-te permaneço vivo, durando, Sofia, neste aquário de azulejos que o foco do tecto obliquamente ilumina, peixe morto à tona, de órbitas apodrecidas a boiarem.(ANTUNES, 146).

Nesta passagem o protagonista recorda-se da figura de Sofia, a mulher africana com quem manteve relações e teve um filho durante sua estadia em Angola, cuja figura jovial e viva na época de suas relações contrasta com a sua decrepitude física apresentada pela imagem do espelho e que é confrontada de forma melancólica, encarada como algo irrevogável, que arrasta sua existência de forma lenta para o fim dos seus dias.

4. CONCLUSÕES

Após realizado o processo de análise do romance **Os Cus de Judas**, constatou-se a intensa utilização por parte do autor Lobo Antunes da técnica da criação da imagem e sua utilização como forma de expressão de sentidos e sentimentos de seus personagens presentes na narrativa.

A imagem durante o romance, em diversas oportunidades é utilizada desempenhando a função de metáfora, onde são tecidas diversas comparações com outros elementos, tornando a leitura repleta de correlações e carregada de simbolismos que transportam uma intensa carga de significados para o leitor.

É extremamente recorrente, nos primeiros capítulos, a utilização da imagem como elemento capaz de desenvolver no leitor uma vasta experiência dos sentidos sensoriais, que são aguçados pelas caracterizações dos animais, pelos cheiros que marcaram a infância do protagonista e pela ampla caracterização imagética dos ambientes frequentados.

Na parte final do romance, aparecem com mais intensidade os simbolismos dos espelhos e toda a influência da luminosidade, que faz com que o protagonista vivencie a experiência da própria imagem, que transmite toda uma sensação de incompletude e fragmentação para a narrativa.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. 2ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Criação e Crítica: A voz itinerante**. São Paulo: Edusp, 1993.

SEIXO, Maria Alzira. **Os romances de António Lobo Antunes: análise, interpretação, resumos e guiões de leitura**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1983.